

Metáfora 1.0

Felipe Fonseca

Parte I

A JORNADA

Saindo da província

Se precisasse identificar um motivo específico para ter saído de Porto Alegre, tédio seria uma boa resposta. Minha vida havia andado em um ritmo normal no sul: da escola pública para a universidade, estudando publicidade, um dos poucos cursos para trabalhar com mídias na UFRGS no meio dos anos noventas. Estudei por lá de 1996 a 99, mas por conta da única discussão que recordo com meu pai, trabalhava desde o primeiro ano de faculdade e não pude frequentar nem metade das disciplinas obrigatórias para o período. Trabalhava como diretor de arte júnior (?) em uma agência de publicidade, namorava havia cinco anos, pagava o aluguel do meu apartamento e tinha meu próprio carro. Tinha até deixado de lado a guitarra. Meus sonhos eram ganhar prêmios em festivais de publicidade e comprar um apartamento barato em algum subúrbio de Porto Alegre. Ou eu achava que eram esses os meus sonhos. Desde pequeno, sempre fui bastante curioso. Poderia contar algumas histórias a respeito, mas são meras lembranças turvas, de como aprendi a ler sozinho aos quatro anos ou de que eu lia livros didáticos de alguns anos além da série em que estava. Deixa pra lá.

Fato é que meu pai, que morava então em São Paulo, sempre insistia que meu futuro não estava em Porto Alegre. Algumas vezes eu havia ido para São Paulo, passar uns tempos com ele, mas a cidade não me apeteceu. Até visitei algumas grandes agências de publicidade atrás de estágio, mas não me esforcei muito.

Aconteceu que, no segundo semestre de 99, fui mais uma vez passar uns dias na cidade grande. Nada aconteceu de fundamentalmente diferente, mas na volta, no meio das dezoito horas da viagem de ônibus, comecei a pensar nos meus horizontes. E senti um profundo desprezo pela minha vidinha

cotidiana. Um eco da adolescência envolvido com um raso movimento punk de Porto Alegre me trazia raiva outra vez. Não me sentia orgulhoso do meu trabalho, já tinha lido todos os livros que valia a pena ler sobre publicidade, marketing e alguns outros sobre criatividade, mas estava cansado daquilo. Queria alguma coisa diferente. Havia comprado umas semanas antes o Ficcões, do Borges, por conta de um comentário que alguém havia enviado no Cardosonline, um dos primeiros mailzines "alternativos" do Brasil, organizado por alguns dos meus calouros na Fabico. Não consegui ler até o fim nenhum dos contos. É necessário lembrar que leitura não é hábito incentivado em escolas públicas, e eu sempre procurei ter muito mais livros didáticos e de ciência. O livro estava comigo naquele ônibus, e não, como percebi depois, para fruição, mas simplesmente pra me fazer lembrar de que ainda tinha muito a percorrer.

Cheguei em Porto Alegre e comecei a mudar. Não me lembro da ordem exata das coisas, mas em menos de duas semanas terminei o namoro, devolvi o apartamento, larguei o emprego e troquei o Escort 86 por uma Parati 91. Voltei para a casa de minha mãe. Por telefone, contei as novas para meu pai. Ele me perguntou o que eu faria depois. Eu não sabia. Convidou-me a morar em São Paulo. Passei alguns dias pensando. Morava confortavelmente na casa da minha mãe, comecei a ler toda a biblioteca do meu padrasto, que incluía tratados de física quântica, filosofia oriental e outras coisas, e me sustentei alguns meses à base de seguro-desemprego e fundo de garantia. Frequentava um boteco do outro lado da rua e comecei a escrever contos de pouca qualidade.

Terminei o semestre em Porto Alegre e em janeiro de 2000 joguei roupas, minha guitarra então enferrujada, alguns livros e CDs dentro do carro e fui para São Paulo com um primo. Eu tinha ido ainda uma vez para São Paulo

antes de ter certeza da mudança, e me apaixonara por uma linda mulher, mas essa é outra história.

Sampa

Já cheguei em São Paulo em clima de mudança. Meu pai estava indo morar perto da Serra da Cantareira. Tinha ainda a faculdade para resolver. Tentei transferência para a USP, mas não havia vagas. A segunda tentativa foi a ESPM, mas teria que começar o curso do zero. Sem conhecer muito bem o terreno, fui parar na FAAP.

Demorei algum tempo para perceber que a necessidade de conversar sobre assuntos outros que carro, mulher, balada e futebol parecia tão excêntrica entre os alunos da FAAP quanto meu "velho" carro, com quase dez anos. No começo do que seria meu segundo semestre por lá, acabei desistindo. Além de me sentir quase totalmente isolado, não tinha um trabalho fixo, e a mensalidade da FAAP era muito alta para minha família pagar.

Havia tentado durante o ano algumas entrevistas em agências de publicidade, mas cada vez mais sentia repulsa do mundo publicitário sem saber muito bem por quê. Tinha algum interesse na tal da Internet, mas não levava a sério toda aquela correria de Nasdaq e o que as revistas chamavam de nova economia. Foi só quando Reinaldo Parreiras, um colega da FAAP, me mandou o link para o manifesto cluetrain e para o Marketing Hacker, site do Hernani Dimantas, que comecei a entender o que havia de proto-revolucionário no modelo de comunicação da Internet. Foi nessa época que comecei a assinar listas de discussão. Mas acho que o que mudou minha visão sobre a Internet foi o ADSL. Subitamente, não havia mais a incomodação de ter que conectar à Internet. Enquanto meu computador estivesse ligado, eu estava conectado. Passei a usar a tecnologia de uma

forma diferente: eu próprio estava ligado ao mundo o tempo inteiro.

Pouco depois da virada de milênio, meu pai anunciou a decisão de voltar para Porto Alegre. Pensei por dois segundos e decidi ficar em São Paulo, principalmente porque não poderia voltar para Porto Alegre sem nenhuma história para contar. Aluguei uma casa em Indianópolis e comecei a trabalhar em uma produtora multimídia. Um dos diretores insistia em me ver como designer, rótulo que nunca quis ostentar. Acreditava que meu papel lá deveria ser criação, de uma maneira ampla, e tinha deixado clara essa posição para Ike Moraes, o diretor que me contratou. Não durei mais que três meses lá, mas aproveitei as horas vagas para uma coisa importante: criar o blog e a lista de discussão joelhasso, que agregou um pessoal que começava a formar um bloco em diversas outras listas. Ainda usava o cognome Izquierdo el Horrible, hábito adquirido em Porto Alegre quando participava de discussões online falando mal da indústria publicitária. Além disso, na minha última semana na produtora, pensava no desperdício de esforço de várias pessoas pesquisando referências na web o tempo inteiro, mas guardando-as nos bookmarks pessoais de seus computadores. Havia chegado de algum modo ao everything2, e achei fantástico o modelo. Visualizei, ainda com os olhos bitolados no "mercado" corporativo, o hipercortex, que seria um produto que gerenciava simultaneamente processos e conhecimento. Felizmente, não tive tempo para apresentar a idéia para o diretor mala.

Produção independente

Passei os meses seguintes tentando formatar o hipercortex como um produto. Apresentei para investidores, para um diretor de uma grande agência de publicidade de Porto Alegre, para os aliados da rede. O produto teria que ser

desenvolvido, e pra isso li de cabo a rabo o Zope Book. Para sobreviver, fazia frilas para uma empresa de capacitação corporativa, vendi o carro e mudei para um quarto em casa de amigos. Estava matriculado na Anhembí Morumbi, e negociaria as mensalidades atrasadas no fim do semestre. Nessa época, acabei por conhecer pessoalmente alguns entre aqueles que eram integrantes da lista joelhaso: Hernani Dimantas, Paulo Bicarato, Marcus Colacino, Roberto Cury e outros. As conversas na lista continuavam fortes. Eu finalmente parava de me sentir um peixe fora d'água na cidade grande. Mas a grana ia acabando.

No início de 2002, fui morar na casa da minha namorada e comecei a trabalhar na empresa de capacitação corporativa para a qual tinha desenvolvido alguma coisa. O trabalho, confeccionar material didático para aulas de MBA, e material promocional para palestras motivacionais(argh) era leve, e tinha bastante tempo conectado para pesquisar o hipercortex, que cada vez mais parecia uma metodologia e não um produto. Me interessava na época na dinâmica da criatividade coletiva, e alguém que infelizmente não sei quem foi enviou no sistema de comentários de um dos meus blogs um link para um excerpt do Emergence, que estava sendo lançado na gringolândia. Conheci assim a dinâmica do slashdot, que era um pouco o que eu imaginara para o hipercortex. Li também alguns artigos sobre comunidades de prática e coletivos conectados. Tentava aplicar essas idéias no joelhaso, onde duas vertentes ficavam a cada dia mais promissoras: a de usar a tecnologia como ruptura e transformação, e a possibilidade de levar o modo de produção do software livre para outras áreas de conhecimento. Comecei a estudar sistemas de colaboração baseados em software livre e a testá-los na intranet. Tinha vendido meu computador para pagar contas, e ficava até à noite no escritório, pesquisando. Foi nessa época que conheci

sistemas de publicação, wikis, e outras tecnologias que resolviam todas as minhas necessidades técnicas. Mas ficava cada vez mais frustrado com a falta de interesse do mundo corporativo no assunto. Eu conversava bastante com o Paulo Colacino, que trabalhava em grandes empresas, mas tinha pessoalmente um grande interesse nesses novos processos de comunicação.

Um belo dia, recebi por email um convite para um daqueles encontros sobre nova economia. Estariam por lá representantes das duas operadoras de telefonia celular de São Paulo, falando sobre negócios sem fio. Parecia promissor.

MetaFora

Peguei um carro emprestado do namorado da minha sogra, dei uma carona para o Hernani e fomos para o local do evento. Eu estava gripado e mal-humorado. As palestras foram, para resumir, ridículas. Falavam basicamente sobre possibilidades comerciais do SMS. Na lista joelhasso, estávamos conversando sobre internet sem fio, dispositivos conectados, XML, integração de equipamentos, conversações. Aquilo tudo deu raiva. No dia seguinte, conversava com o Hernani por ICQ e constatamos que não havia como falar para aquelas feras corporativas que nós participávamos de uma lista de discussão chamada joelhasso e que eles estavam defasados.

Decidimos criar outra comunidade online para tentar consolidar as novas idéias que um monte de gente estava gerando. Interessava a conversa sobre um cotidiano hiperconectado, sobre os limites cada vez mais tênues entre "online" e "offline", ente "digital" e "analógico", e o conhecimento livre como metodologia de colaboração. Não interessavam mais reclamações, mais críticas que não propusessem alternativas, mais choramingos de incompreendidos. Criei a lista de discussão no yahoo groups e convidei doze

peessoas. Quase todas entraram. Eu tratei de incentivá-las a conversar, enquanto o Hernani divulgava nos seus canais a nova lista. O resultado foi que em pouco dias já se haviam multiplicado os integrantes da lista, e a média de mensagens diárias só aumentava. Como muita gente enviava links, e buscá-los depois de dois ou três dias era muito chato, decidimos configurar um sistema para gerenciar bookmarks. Colacino encontrou um script em php que lembrava os diretórios do Yahoo, mas ninguém aderiu. Ainda tentei convencer as pessoas a usarem o backflip antes de montar no servidor que hospedava o joelhaso um wiki. De repente, as coisas mudaram.

ProjetoMetaFora e Xemelê

O ritmo de inscrições na lista não parava de crescer, e com sobrenomes que me deixavam muito curioso (@usp.br, @unicamp.br, @mit.edu), o wiki começou a ser usado para gerenciar os links. Em um determinado momento, projetos começaram a surgir. Daniel Pádua criou o blogchalking, sucesso instantâneo na blogosfera, e outras idéias eram discutidas na lista. Hernani chamava o projeto de *chocadeira colaborativa* no seu blogue e na nova-E, Paulo Bicarato poetava em cima da correria, Pedro Dória comentou em sua coluna sobre o MetaFora. Marcelo Estraviz aparecia de modo bissexto para incentivar o caos e evangelizar a todos sobre a necessidade de mais ações de inclusão digital, além de explicar pra todo mundo o que era uma TAZ. Um dia, Dalton Martins entrou na lista e começou puxando um jargão técnico pesado para falar sobre processamento distribuído e levou de mim uma resposta atravessada, pedindo que ele falasse linguagem de gente. Quando tentou de novo uma linguagem técnica, eu sem querer usei um verbo que definiria muito do que fazíamos: "xemeleia aí que eu não entendi nada". XML é uma maneira de organizar a informação para que possa ser trocada e interpretada por diferentes sistemas. Como o ProjetoMetaFora reunia

jornalistas, designers, programadores, artistas e outros, era fundamental que mantivéssemos uma linguagem leiga, que pudesse ser compreendida por todos, e que garantisse que todos pudessem colaborar nas discussões. Essa visão virou o que chamamos até hoje de *xemelê*.

Projetos colaborativos

Em determinado momento, percebemos que precisávamos de uma infraestrutura tecnológica para pôr em prática as várias idéias de projetos que emergiam das discussões. Felipe Albertão, programador de mão cheia que mora na Califórnia, mandou um link para a accrc, uma ONG que capta computadores usados, recicla-os e os doa para projetos sociais. Pensamos em pedir uma doação, Drica Veloso ia agitar seus contatos na gringolândia para tentar alguma coisa, mas esbarramos em dois grandes obstáculos: não éramos uma ONG, e o custo do frete e da legalização no Brasil era proibitivo. Alguém comentou que, dos milhares de empresas do Brasil, deveria sair anualmente uma quantidade enorme de sucata tecnológica. Por que não pedir doações de computadores no Brasil mesmo?

Em uma noite qualquer, alguém formatou no wiki um esboço de um projeto de captação e reciclagem de computadores doados. Aquilo viria a ser a MetaReciclagem. Mas depois de formatado o projeto, pouco se falou a respeito. A partir daí, começamos a organizar os projetos no wiki. E eles começavam a acontecer: a MetaOng, publicação coletiva sobre empreendedorismo e terceiro setor; o Recycle1Político, em que o pessoal saía às ruas para pegar faixas e banners eleitorais para tentar dar outro uso a elas; minha participação em um evento da Conrad com Roberto Bui, do Luther Blissett, com apoio da Giseli Vasconcelos, que participava da lista; o Prov0s, em Belo Horizonte, primeiro evento brasileiro de mídia tática, organizado

por Drica Veloso e Daniel Pádua; uma matéria do Maratimba com minha parca colaboração sobre a palestra de Howard Rheingold para a revista P14y e vários outros projetos que não saíram do papel.

MetaReciclagem

Aprendemos, todos, que as idéias geradas através da lista podem ser fantásticas, mas que não tomam corpo se não houver uma pessoa catalisando os processos, e de preferência vários encontros presenciais.

No fim de 2002, Dalton, que desaparecera da lista por dois meses, enviou uma mensagem avisando que estava de volta. Comentei sobre o projeto MetaReciclagem. Naquela mesma semana, eu tinha encontrado Ike Moraes, o diretor da produtora multimídia na qual eu trabalhara, e Adilson Tavares, que tocava junto com ele um projeto chamado Roupas Velhas, que pegava doações de roupas em toda a cidade e encaminhava para projetos sociais. O projeto recentemente se transformara no Agente Cidadão, uma ONG dedicada ao que eles chamavam de logística da cidadania. O Agente Cidadão não se limitaria às doações de roupas, aceitando todo tipo de doações. Questionei sobre computadores, e o Adilson falou que eles já haviam recebido dois, mas não sabiam o que fazer com eles. MetaReciclagem parecia, finalmente, viável.

Combinei com o Dalton de conversar ao vivo. Encontrei na Paulista um engenheiro com o boné virado pra trás que, não obstante, falava sobre filosofia e poesia. Perguntei se ele toparia assumir o projeto. Ele falou que teria as sextas à tarde, sábados e domingos para se dedicar. Passei pra ele o telefone do Ike e na semana seguinte o projeto começou.

O Agente Cidadão estava se mudando para um espaço enorme no Shopping SP Market, em Interlagos. Cederam pra gente inicialmente uma pia, debaixo

de uma goteira, e com a instalação elétrica capenga. Em pouco tempo, eles se mudaram para um escritório no Shopping e providenciaram para o MetaReciclagem um espaço anexo, muito maior do que poderíamos ocupar, que chamamos imediatamente de galpão.

Começamos, junto com o Agente Cidadão, a agilizar alguns contatos e as doações começaram a aparecer. No fim de janeiro, acontecia o Mídia Tática Brasil, evento que começou a ser planejado dentro da lista MetaFora, e até a última hora não sabíamos o que seria nossa participação. Decidimos montar um piloto de um telecentro com computadores reciclados e, incentivados pela Helô Campos, a dar um workshop sobre colaboração online no telecentro da Cidade Tiradentes. O telecentro não funcionava direito, e o workshop teve um terço do quorum esperado porque demoramos a chegar até a Zona Leste, em parte por conta dos desfalques devido à bebedeira no sábado. Mas foi uma primeira prova pública de que tínhamos alguma coisa de diferente.

MetaReciclagem no universo da inclusão digital

Por conta do Mídia Tática Brasil, de uma matéria no Estadão, de outras matérias em sites e de uma campanha na blogosfera que o TupiNamba criou, chegamos em um sábado no galpão e havia quase uma dezena de candidatos a voluntários. Dalton explicou o projeto, eu falei um pouco sobre o ProjetoMetaFora e começamos a mexer nas máquinas. Na época, usávamos bastante o Kurumin para testar as máquinas. Um dos voluntários, Fernando Henrique, vulgo xsl4v3, que tinha se aproximado do projeto para dar aulas de KDE, ficou reclamando o tempo inteiro que aquela distribuição tinha um monte de coisas inúteis para o que precisávamos. Ao fim da tarde, disse que faria uma distribuição voltada exclusivamente para computadores mais

velhos.

Nesse meio tempo, fui a Brasília conversar com Rogério Sant'anna, o novo Secretário de Logística e TI do Ministério do Planejamento, que eu conhecia de Porto Alegre. Apresentei o projeto MetaReciclagem e o contexto do ProjetoMetaFora, e ele comentou que se dependesse dele nenhum computador do governo seria vendido ou jogado no lixo. Não poderia nos ajudar como projeto porque ainda estava assumindo o cargo, mas comentou sobre a Oficina de Inclusão Digital, que aconteceria em um mês e meio em Brasília. Voltei para São Paulo determinado a participar. Comentei na lista. Hernani falou que iria, junto com o pessoal do CDISP, e Dalton deu a resposta que eu esperava: se mais alguém fosse, ele disponibilizava o carro. Eu havia largado o emprego e fazia alguns frilas para a empresa de outro colega que havia saído. Teria tempo. Pegamos o Fernando, passamos o chapéu no ProjetoMetaFora, e fomos embora.

Peixes Grandes

Chegamos a Brasília sem ter noção de onde estávamos nos metendo. Um monte de engravatados falando em cifras e pregando o uso de software livre, já que essa era a opção estratégica do governo. Nós tínhamos pouco mais que relatos de algumas experimentações, uma idéia geral de uma maneira diferente de tratar a inclusão digital, cartões de visita impressos de última hora em um Shopping Center de Brasília e um laptop pra lá de velho com uma versão inicial do MetaLinux.

Almoçávamos no bandeirão da UNB, para não desperdiçar nossa parca verba, mas mantínhamos a pose durante as discussões. Aproveitamos para conhecer José Murilo Jr., blogueiro e integrante esporádico da lista MetaFora, e Fina Endor, filósofa carioca que estava morando por lá. Acho que ela ficou um

pouco assustada porque estávamos todos vestidos à moda brasileira, o Dalton até com gel no cabelo, e sumiu de repente. Hernani apresentou-nos a Claudio Prado, que estava tocando um projeto então confidencial, as BACs, e a Solange Ferrarezi, secretária-adjunta de educação de Santo André, que foi apresentar o projeto N@ Escola, e que dizia que precisávamos conhecer seu marido, que tocava o Parque Escola, em Santo André.

Saí de lá com a impressão de que estávamos à frente em pelo menos um aspecto: todo mundo falava sobre software livre, mas nós estávamos realmente dedicando tempo a fazer computadores velhos funcionarem com ele.

Não à institucionalização

De volta a São Paulo, começamos a conversar sobre criar uma ONG para desenvolver as idéias do ProjetoMetaFora. Criamos até uma lista separada, de acesso restrito, para isso. Bernardo Schepop chegou a estruturar um estatuto e um organograma para tanto, mas complicações em alguns projetos começaram a acirrar atritos que até então estavam sublimados, a brigas feias começaram a acontecer quase diariamente. Percebemos que uma ONG não era o caminho. Nossa principal força eram as ações descentralizadas mas coordenadas. Mas os atritos persistiram ainda por algum tempo.

Parque Escola

Dalton e Hernani foram a Santo André conhecer o Parque Escola, um projeto maravilhoso criado por Henrique Zanetta, que é um parque público focado em reciclagem, botânica e educação ambiental, e começaram a estruturar um projeto de implementação de um centro de reciclagem de computadores. Eu não participei muito do processo porque estava começando a trabalhar na empresa do Ike Moraes, que ficava ao lado do Agente Cidadão, e que me

permitia uma certa dedicação ao galpão, que finalizava dois projetos que depois percebemos falhos: o telecentro do Cepim e outro em um seminário, ambos em Paraisópolis. Começávamos também a conversar com a Corrente Viva, uma rede de mais de trinta associações distribuídas por toda a cidade, para montar um plano de comunicação e informatização para as associações. Enquanto isso, Dalton foi contratado em Santo André e começou a montar uma segunda instância de MetaReciclagem. Os projetos começaram a pipocar por lá: um processo de reciclagem de computadores para oito cooperativas incubadas na prefeitura, um curso de reciclagem de computadores para dez jovens do núcleo habitacional Sacadura Cabral que hoje está virando mais um espolo de MetaReciclagem, experimentações de Glauco Paiva, recaracterizando os computadores usados com arte, e uma antena de wi-fi cobrindo o parque e uma área de 5 kms ao redor.

Baques

Logo que voltamos de Brasília, fomos conversar com Cláudio Prado. O projeto BAC previa cerca de cinquenta megacentros de cultura digital em comunidades periféricas em todo o Brasil, com estúdios de produção multimídia e uma grande infra-estrutura tecnológica integrando todos eles. Alguns percalços que no fim se revelaram fortuitos enterraram o projeto BAC. Mas em torno da estruturação do projeto inicial se havia formado uma até então inédita união de representantes de diversos grupos independentes brasileiros, os articuladores, que haviam construído um projeto de acesso e produção culturais sem precedentes. Depois de muito tempo de dúvidas quanto à continuidade do projeto, e de árduo trabalho puramente voluntário, acabamos entrando no projeto dos Pontos de Cultura, dentro da estratégia de Cultura Viva, do Ministério da Cultura. Importante arma que objetiva a democratização da produção cultural brasileira, e fortemente apoiado em

idéias que defendíamos desde o início do ProjetoMetaFora, os Pontos de Cultura consistem em mais de mil centros multimídia em todo o Brasil, baseados em iniciativas já existentes, que contarão com infra-estrutura para produção de música e rádio, vídeo, publicação, reciclagem de computadores e laboratório hacker, e uma estrutura lógica de distribuição P2P e de publicação online integrando os pontos, tudo isso baseado em estratégias de produção de conhecimento livre. No momento, já foram selecionados os primeiros 260 pontos, que começam a ser implementados nos próximos meses.

N5M

Alguns meses depois do Mídia Tática Brasil, a fundação holandesa Waag, que apoiou o evento, convidou alguns representantes de grupos que participaram do evento a tomar parte na quarta edição do festival Next 5 Minutes, em Amsterdam, no final de 2003. Fui um dos escolhidos. Mais uma vez cheguei ao evento sem ter muita noção do que me aguardava. Foram também Ricardo Ruiz, Tatiana Wells e Ricardo Rosas, que organizaram o MTB. Sabia que teria algum tempo para falar, que foi menor do que esperava. Nos dias anteriores à viagem e mesmo quando eu já estava em Amsterdam, escrevemos no wiki do ProjetoMetaFora um texto que relaciona alguns aspectos tipicamente brasileiros de organização social com um admirado modo hacker de produção. Fizemos também uma intervenção na entrada da De Balie, o centro do evento, que consistia em uma banca de camelô com o câmbio invertido: os europeus só poderiam comprar com reais, que custavam três euros cada. Conheci muita gente interessante no N5M, principalmente os que vinham de outros "países em desenvolvimento". Quem mais me impressionou foram os indianos do Sarai, que tinham um trabalho consistente, sem incorrer no erro comum em vários dos projetos que

se vê por aí, de copiar sem muita distinção projetos de mídia tática europeus. Mas ainda tinha uma desconfortável sensação de ser visto como uma peculiaridade, um macaco tropical dentro de uma gaiola. De qualquer forma, a infra-estrutura que eles tinham por lá me impressionou: um espaço que integrava uma editora, auditório, restaurante, café, boteco, cybercafé com acesso wi-fi, e uma grande efervescência, cabeças discutindo, uma extensão das conversações online. Voltei sonhando com um espaço parecido, conversei bastante principalmente com o MaraTimba sobre o que seria o CoLab, outra ação do ProjetoMetafora, não fosse o que aconteceu em seguida ao projeto.

Cansei de moderar

As semanas seguintes ao meu retorno de Amsterdam foram cansativas. Eu cobrava feedback do Dalton e do Hernani sobre Santo André, mas eles não tinham tempo de responder, tamanha a quantidade de ações que vinham desenvolvendo. As brigas dentro da lista do ProjetoMetaFora se tornavam diárias, e eu continuava tentando ouvir todos os lados antes de dar minha opinião. Em dado momento, cansei. Passava muito tempo tentando apaziguar as brigas, e não podia me dedicar a nenhum projeto específico. Meu ascendente é Gêmeos, e isso às vezes era um problema: Colacino insistia que eu não poderia me inscrever como participante de todos os projetos, deveria deixar eles rolares espontaneamente e ainda moderar a lista. Decidi escrever uma mensagem para todos, falando que não seria mais o moderador da lista, que queria me dedicar a meia dúzia de projetos, e que deixava disponíveis todas as senhas a quem quisesse ser o novo moderador. Para minha decepção, depois dessa mensagem recebi quase uma dezena de e-mails de membros chave do projeto dizendo que também estavam cansados das brigas e que saíam comigo do ProjetoMetaFora. Acabamos escrevendo uma tosca

página de despedida, que oferecia ao mundo o wiki com mais de 600 páginas e alguns projetos que continuariam. Idealmente, esses seriam alguns esporos independentes: MetaReciclagem, o braço de infrafísica; MetaMeme, uma agência de comunicação; MeMeLab, projeto de experimentação narrativa e artística; CoLab, rede de espaços independentes de produção; possivelmente o MetaLearning, investigação propositiva sobre aprendizado distribuído, e mais algumas iniciativas. No fundo, vingou apenas o MetaReciclagem, mas acho que o saldo positivo do ProjetoMetaFora foi a criação de uma imensa e intensa rede de inovação descentralizada, baseada em um modelo sistêmico de visão das comunicação online: A tríade da Informação Livre, sintetizada pelo Daniel Pádua, que identifica três estratos para ações em rede: Infra-estrutura física, infra-estrutura lógica e ações. Outra disposição conceitual, que acabou influenciando vários outros projetos, foi a de crescer como esporos articulados, não filiais. Isso se resume na metodologia de replicação do MetaReciclagem: arranje um espaço com tomada e ponto de rede, descole alguns computadores doados e pronto, tá aí a MetaReciclagem.

Testando hipóteses

Eu continuava trabalhando ao lado do galpão, e em janeiro de 2004 conseguimos emplacar o que pareciam ser os dois projetos planejados com início, meio e fim do MetaReciclagem. É claro que estávamos enganados se pensamos que o processo seria tranquilo.

O primeiro projeto que inaugurou o ano foi o CyberSocial. O Agente Cidadão organizaria o Mês Social do Shopping SP Market, que contaria com uma exposição, feira de produtos produzidos por ONGs de São Paulo e um telecentro independente. Montamos nosso primeiro centro com computadores sem disco puxando o boot e os aplicativos de um servidor

mediano, modelo que adotaríamos em quase todos os projetos subsequentes. O CyberSocial ofereceu cursos de introdução à informática para mais de uma centena de pessoas nos dois meses em que funcionou.

Quase simultaneamente, montávamos os três telecentros do projeto CAJU, que funcionou como estrutura para os Autolabs, seqüência da articulação ocorrida durante o MTB. O projeto CAJU era um esforço educacional para 300 jovens em situação de risco socio-econômico da Zona Leste de São Paulo. Os Autolabs era o braço de alfabetização midiática do projeto. Foram realizadas durante os seis meses dos Autolabs oficinas de produção midiática e leitura crítica da mídia. Devido a diversos fatores que envolveram complicações com a coordenação do projeto, má-vontade de alguns oficinairos com o software livre e microdisputas de poder, o projeto pode por um lado ser considerado um fracasso retumbante. Dos 300 jovens que estavam cadastrados, pouco mais de dez tentaram emplacar ações depois de encerrado o processo, e, sem o apoio de que precisavam para ir adiante, acabaram de mãos vazias. Alguns oficinairos e o nosso Fernando ainda tentaram auxiliar no processo de capacitação pós-Autolabs e na estruturação de projetos auto-gestionados pelos bolsistas, mas pelo mesmo motivo acabaram sem fôlego para tanto.

EPAC

Enquanto isso, o projeto em Santo André continuava, apesar da exoneração de Henrique Zanetta. Alguns de nós fomos convidados a transformar a ação no Parque Escola em um embrião da EPAC, a Escola Parque de Arte e Ciência, misto de parque público, escola modelo, centro de capacitação de professores da rede pública, centro multimídia, museu de ciências, biblioteca e galeria. Começamos algumas experimentações e estamos auxiliando a

estruturar o projeto de ocupação da EPAC, que já está sendo construída. Do diálogo da tecnologia com arte e educação surgiram inúmeras idéias catalisadas por Dalton Martins e Glauco Paiva, que acabaram por realimentar todos os nossos projetos.

Xemele.org

Já faz mais de um ano que inúmeras vozes saudosas da "época de ouro" do ProjetoMetafora reclamam que eu matei o projeto. Não foi exatamente o que aconteceu. Mas por algum tempo eu ainda insisti em entender o MetaReciclagem simplesmente como um braço estrutural do que era o ProjetoMetaFora. Foram necessárias diversas discussões, uma delas muito particularmente cansativa, para que eu aceitasse que o MetaReciclagem havia concentrado muitas das pessoas que agitavam o ProjetoMetaFora. Nessa mesma reunião, conseguimos definir o que é a tal da MetaReciclagem: *uma metodologia emergente para a reapropriação de tecnologia para a transformação social*. Alguns de nós, inclusive eu, passamos a não mais usar a forma "o" MetaReciclagem, como um grupo, mas "a" MetaReciclagem, como ação descentralizada, metodologia de trabalho. Mas essa posição não foi aceita por todos. De qualquer forma, uma definição precisa do que é MetaReciclagem se torna impossível justamente pelo seu caráter descentralizado e emergente.

De qualquer forma, nesse meio tempo o Daniel Pádua mudou-se para São Paulo. Iria trabalhar com o Maratimba na prefeitura, e alugou um apartamento com a Bia Rinaldi. Tinha um quarto por lá, e assim que pude me mudei novamente, pela trigésima primeira vez na minha vida. O que a gente ia produzir ficou muito mais promessa do que ação, mas pelo menos a

interface básica do site metareciclagem.com.br saiu.

Assumindo, como tantos outros, uma nostalgia metafórica, planejamos o desenvolvimento de uma instância online que poderia voltar a concentrar a movimentação conceitual e prática que cercava o ProjetoMetaFora.

Decidimos batizar o projeto com um dos conceitos que balizavam as discussões e que denominou a lista que criamos quando saímos do yahoo groups: Xemelê. Registrei o domínio, e inadvertidamente começamos a defender a idéia de Xemelê em vários ambientes de discussão. A consequência foi contraproducente: diversas pessoas entenderam o conceito de xemelê e começaram a usá-lo correntemente sem que tivéssemos a estrutura pronta. Hoje, xemelê é o conceito e nome do sistema de conversações, publicação, gerenciamento de contatos e compartilhamento de arquivos que está sendo desenvolvido para integrar os pontos de cultura. Acabamos por esvaziar uma iniciativa em potencial, acredito. Daniel deve ter outra visão.

Fellowship

Em paralelo com o esvaziamento do ProjetoMetaFora, mantive um diálogo por email com Monica Narula, do grupo indiano Sarai, depois do N5M. Em um desses emails, ela comentou que eles iam reformatar o OpusCommons, sistema de gestão de mídias que haviam apresentado em Amsterdam e sobre o qual eu comentara que era muito complexo de configurar e que a interface não era clara. Ela sugeriu que poderia tentar captar recursos para me convidar a passar algum tempo na Índia ajudando a desenvolver a interface para o sistema. Declinei do convite justamente porque não sou exatamente um designer de interface. Ainda tentei colocar o Pádua na jogada, mas logo a

Monica me enviou uma chamada para escrever uma proposta para integrar a Waag/Sarai Platform. A chamada era clara: eles queriam um projeto para o desenvolvimento de um centro de mídia e iniciar um processo de intercâmbio sul/sul. Dois projetos de países em desenvolvimento seriam escolhidos. Minha proposta tentou virar isso de cabeça para baixo: argumentei que o MetaReciclagem não precisava de um centro de mídia, justamente porque nossa força eram as ações descentralizadas, e que estávamos desenvolvendo uma metodologia de ocupação de espaços e reapropriação de tecnologias. Fomos selecionados, juntamente com o MídiaTática, grupo que nasceu entre os organizadores do MTB.

No desenvolvimento do projeto, fizemos uma série de reuniões "estratégicas" sobre o MetaReciclagem. Demoramos a chegar a uma conceituação sobre o projeto. Acho que até hoje não temos certeza. Em paralelo, me dediquei a criar uma estrutura lógica de interação que ainda não ficou estável, e contratamos a Bia Rinaldi para escrever uma série de textos sobre a MetaReciclagem.

Indo à Índia

Foi só em novembro, quando fui a Bangalore apresentar o projeto, que percebi que assumíramos um enfoque distante do que eles queriam. Os indianos do Sarai pareceram bastante interessados em algumas idéias que eu apresentei, o xemelê, a reapropriação tecnológica para transformação social, a visão de MetaReciclagem não como grupo e sim como conceito emergente, mas insistiam em maior aprofundamento desse tipo de idéia. E não temos isso de forma estruturada. Soubesse antes, teria focado o projeto no desenvolvimento dessas idéias. Por outro lado, o pessoal do Waag estava mais interessado no projeto do Mídia Tática, com um posicionamento mais

artístico, do que no MetaReciclagem, que não tem o modelo europeu de mídia tática como referência. Com os dois projetos, tanto indianos quanto holandeses reforçaram a intenção de apoiar um projeto de implementação de um espaço.

Falar agora que eu tentei incentivar os metarecicleiros a escreverem artigos para montar um e-book a apresentar em Bangalore, ou então reclamar que faltou um processo de acompanhamento da plataforma e que eu cheguei na Índia ainda sem entender no que consistia a fellowship seriam escusas. O processo inteiro valeu como aprendizado, e sei que tive grande responsabilidade, centralizando demais as decisões. Acredito que nenhum relato sobre o projeto MetaReciclagem poderia ser completo. Mas temos algumas pessoas produzindo exatamente o que o Sarai queria ver: teorização em cima da prática. Dalton acabou de defender sua tese na Unicamp sobre sistemas P2P, e o Hernani está baseando seu projeto de mestrado na PUC em sistematização teórica que auxilie a compreender esses projetos coletivos. Além disso, poderia ter levado o trabalho do Miguel Caetano, jornalista português que desenvolveu sua tese de mestrado questionando se o ProjetoMetaFora poderia ser considerado um projeto de mídia tática.

Voltei da Índia atordoado. Tive a oportunidade de conhecer um dos CyberMohalla montados pelo Sarai, dentro de uma favela em Delhi. O projeto é maravilhoso pela simplicidade. Dois computadores desligados, cercados por um monte de desenhos e fotos. Todo dia, mais de uma dúzia de jovens voluntários saem pela vizinhança para colher histórias. Depois, sentam-se em roda, e lêem uns para os outros os textos que escreveram. Todos opinam. Chegam em questões profundas da comunidade. Só depois disso é que vão alimentar blogs, compor livros ou qualquer outro formato. O trabalho deles tem uma grande preocupação com o que precede a

necessidade da tecnologia da informação. E lá senti os nossos projetos daqui totalmente carentes dessa preocupação. Posso, é claro, estar profundamente equivocado. Mas mais uma vez tive saudades de toda a conversação conceitual que rolava no ProjetoMetafora.

Artigos e Elocubrações

Anotações no Coletivo

Artigo escrito depois de uma palestra que eu dei com o Hernani Dimantas no Cybercultura, no Senac, a convite de Lucia Leão.

Aí uma costura das anotações tomadas na linha Lapa - Santo Amaro, quinta-feira passada, a caminho do Cybercultura 2.0, com algumas coisas que realmente cheguei a comentar na mesa redonda com o Hernani, e mais algumas elocubrações posteriores.

Meu nome é Felipe Fonseca. Dizem que fui co-fundador do Projeto MetaFora junto com o Hernani. Mas outros dizem que o Projeto MetaFora nunca existiu, foi uma espécie de alucinação coletiva.

A cultura brasileira como uma cultura hacker (ou poderíamos definir: *a ética hacker nas culturas populares brasileiras**)

Em primeiro lugar, quero me desculpar porque vou avançar em alguns assuntos sobre os quais não sou especialista. Não me preocupar muito com isso é uma das coisas que aprendi com os hackers com quem trabalho. Bom, vamos adiante.

A era das grandes verdades

Até há pouco tempo, a comunicação concentrava-se em torno das fontes "oficiais" de informação e conhecimento: a igreja, o estado, a escola e a academia, e no último século a mídia de massa. As estruturas de comunicação eram facilmente identificadas. Um mapeamento dos fluxos de comunicação revelariam três grandes vertentes:

* as "fontes oficiais" propriamente ditas

* as derivações das fontes (aquele tiozinho que repete no boteco o argumento

do padre ou do âncora do telejornal), paráfrases das grandes verdades.

* as vozes contrárias, antíteses das grandes verdades.

Essas últimas eram responsáveis por uma espécie de equilíbrio e um movimento de renovação. Podem ser identificadas aqui as vanguardas do século XX e a contra-cultura do pós-guerra, que, de alguma forma, acabavam impedindo uma total tirania na comunicação.

A era das múltiplas verdades

Nas últimas décadas, entretanto, as fontes "oficiais" começaram a se multiplicar e pulverizar. Acredito que alguns fatores influenciaram bastante nesse movimento:

- * Os questionamentos sobre a ciência no século XX;
- * Os questionamentos sobre a arte e seu papel;
- * O intenso desenvolvimento e a facilitação do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação;
- * O acirramento da competitividade nos mundos corporativo e acadêmico, e entre as empresas de mídia de massa.

Um hipotético mapa da comunicação nos dias de hoje revelaria um cenário complexo, tendendo ao caos. Apesar de o ambiente da comunicação continuar dominado pelas mesmas estruturas (hoje, sobremaneira, as megacorporações), não é tarefa simples identificar onde se encerra esse poder. Em tal cenário, o papel de uma suposta contra-cultura precisa necessariamente se reinventar. Há trinta anos, era fácil identificar "o inimigo": a ditadura no Brasil, a guerra do Vietnam e as estruturas militares nos EEUU, etc. Hoje, para onde devem apontar as armas da contra-cultura? Aliás, ainda existe uma contra-cultura?

Eu acredito que não haja uma resposta objetiva.

Mas a comunicação tem papel fundamental na aceitação e manutenção dessa realidade. Em O Sistema dos Objetos, Jean Baudrillard identifica que a dominação através da manipulação publicitária não se dá no âmbito de cada peça de comunicação influenciando uma decisão do "consumidor", mas no contexto do conjunto das peças publicitárias seguindo fórmulas assemelhadas e ratificando um modo de vida ocidental, branco e consumista. Uma situação claramente emergente, em que a ação de cada parte é menos importante do que a ação do conjunto.

A mídia tática surge nesse cenário, também como uma força emergente, potencializada com o novo ativismo que surge ao fim da década passada, nos protestos em Seattle, Gênova, Davos, Washington e tantos outros. Grupos de ativistas midiáticos e artistas de todo o mundo passam a utilizar ferramentas às quais anteriormente só as elites tinham acesso para questionar a credibilidade da comunicação. Usam, camuflados ou não, as próprias armas do inimigo para conscientizar as pessoas sobre o que se passa no mundo. A mídia tática pode ser vista como a retomada do "social" na comunicação. Sua estrutura como sistema descentralizado e emergente encontra justificativa em Steven Johnson, no *Emergência*:

(...)se você está tentando lutar contra uma rede distribuída como o capitalismo global, é melhor mesmo se tornar uma rede distribuída.

A ética hacker

No mundo do desenvolvimento tecnológico, uma contra-cultura atuante desde os anos setentas construiu colaborativamente a *Ética Hacker*. Não vou entrar em detalhes, mas alguns dos princípios postulados pelos hackers encontram eco e respaldo na mídia tática:

- * A descentralização coordenada;
- * Ênfase na reputação pessoal, baseada no histórico de ações, ao invés de hierarquia baseada em títulos ou honras;
- * Colaboração e conhecimento livre e aberto;
- * Questionamento profundo sobre a validade da propriedade intelectual;
- * *Release Early, Release Often* - é mais importante realizar do que ter um plano perfeito;
- * Informalidade.

Hackerismo brazuca

Estive em setembro no Next5Minutes, festival internacional de mídia tática realizado em Amsterdam. Alguns dias antes de embarcar, comecei a debater com o pessoal no MetaFora sobre o que falar por lá. As primeiras idéias circularam em torno da ética hacker e uma apresentação do grupo MetaFora. Na manhã da partida (ou a manhã anterior, não estou certo), acordei com a opinião de que tal linha de argumentação tinha duas falhas. Em primeiro lugar, eu não havia sido chamado para representar o MetaFora, e sim o Mídia Tática Brasil, festival realizado em março de 2003 do qual participamos. Além disso, não faria sentido simplesmente fazer cômico a diversas outras vezes que já apregoam os princípios da descentralização e da colaboração. Já há algum tempo, tínhamos percebido que, em termos de colaboração, nós, elite cultural revoltadinha brasileira, temos mais a aprender do que a ensinar com as culturas populares* no Brasil.

O hackerismo tecnológico tem grande aceitação no Brasil, como pode detalhar o Hernani. O governo está adotando Software Livre, o país é um dos

maiores em volume de ataques de crackers. Sexta-feira, Maratimba comentou comigo que ouviu da boca de Miguel de Icaza que o Brasil tem o maior parque instalado do ambiente gráfico Gnome. No n5m, alguns programadores de Taiwan que estavam na mesa redonda *New Landscapes for Tactical Media*, da qual eu e Ricardo Rosas também participamos, vieram a mim perguntar, maravilhados, se tudo o que se falava sobre Software Livre no Brasil era verdade. Assenti, orgulhoso.

Eu vejo algumas raízes culturais hackers no Brasil desde muito antes da criação do primeiro computador.

Os mitos afro-brasileiros**

Durante alguns séculos, pessoas de várias regiões da África foram violentamente sequestradas e trazidas ao Brasil, comerciados como escravos e encarcerados a uma vida de trabalho duro, restos de comida e praticamente nenhum direito. Não bastassem as agressões físicas e a humilhação contínua, eles eram proibidos de exercer suas crenças, originalmente anímicas. Alguns convertiam-se à "verdadeira fé" católica, mas muitos desenvolveram uma alternativa, análoga à engenharia social hacker: o tal sincretismo religioso. Camuflando seus orixás com vestes católicas, puderam continuar praticando seus rituais e venerando seus deuses da guerra, do trovão e do vento.

Embora tenham aparecido diversas lideranças na Umbanda, não havia uma centralização de poder ou dogma. Assim, as linguagens espirituais afro-brasileiras foram se desenvolvendo de maneira colaborativa. Têm uma base comum (o *kernel* hacker) e diversas adaptações locais (a customização descentralizada hacker), chegando a abarcar elementos do kardecismo, de culturas indígenas, de tradições ciganas, do budismo e outras crenças

orientais.

A cultura burguesa brasileira

Não é novidade que, no início do século XX, a incipiente intelectualidade brasileira, composta em sua maioria pelos jovens filhos das elites que estudavam na Europa e voltavam ao país, passava por uma crise de identidade, como ocorreu com todas as ex-colônias européias emancipadas entre os séculos XVII e XX ao redor do mundo. Duas perspectivas levavam a um impasse: de um lado, a cultura européia, moderna, vibrante, mas associada à ex-metrópole colonial. De outro, uma cultura bruta, neonaturalista e sertaneja, quase crua. Os modernistas resolveram o paradoxo com a antropofagia, basicamente hacker: não renegaram nenhum dos dois mundos para criar novas formas de expressão. Pelo contrário, ao invés de tentar começar uma nova cultura do zero, misturaram elementos da cultura européia com a cultura brasileira. Vestiram a cultura popular de raiz com a experimentação formal do primeiro mundo.

Fenômeno semelhante ocorreu no final dos anos setenta com a Tropicália. Uniram o samba ao rock, adaptando a linguagem comum da contracultura mundial com o sotaque local.

A economia pirata

Premida por uma situação econômica em condições cada vez piores, pressionada pela dificuldade de encontrar colocação e subsistência na economia formal, grande parte da população no Brasil migrou nas últimas duas décadas para a economia informal. Caracterizada por um dinamismo e

por uma espécie de empreendedorismo na gambiarra, esse mundo alternativo de trabalho, que possui seu próprio círculo de produção e distribuição, envolve hoje praticamente metade da população considerada "economicamente ativa" no Brasil, e mais uma grande quantidade de jovens e idosos. Possui suas formas de uma mídia mambembe que, se não se assemelha à mídia tática do primeiro mundo, também chega, de maneira emergente, a questionar os domínios da propriedade intelectual e do poder da mídia de massa, em especial o *branding* corporativo. Outros elementos da ética hacker presentes na economia pirata:

- * Colaboração;
- * Descentralização;
- * Ênfase na reputação;
- * Informalidade.

O mutirão

Maratimba descreveu uma analogia do puxadinho feito em mutirão com o princípio do *Release Early, Release Often*, que corre um certo risco de ser uma visão estereotipada, mas que funciona como símbolo:

Começo / Barraco - "Vamos botar essa porra em pé!"

Sabe como é? Menos é mais. Minimalismo funcionalista.

Expansão / Puxadinho - "Chame os amigos e ponha água no feijão"

Contemplar o máximo de necessidades. Refinamento e oferta de adicionais.

Refundação / Alvenaria - "Tá na hora de botar ordem na casa"

Revisão de erros e melhoria da qualidade geral. Consistência de dados e de

interface

E agora? Subi um barraco? Puxei um quarto pras crianças e um banheiro do lado de fora? Troquei os aglomerados e madeirites por tijolo e telha?

Basta seguir a vida e esperar. Se precisar de mais teto, você pode construir a famosa casa nos fundos ou o mais popular segundo andar.

Comunidades periféricas interconectadas

As autoridades, a academia e a sociedade civil já acordaram para as possibilidades de transformação que as tecnologias de informação e comunicação trazem para a melhoria de vida das populações periféricas. As duas primeiras fases da "inclusão digital" tinham lá suas falhas, mas podem ser encaradas como um bom começo. Há um paralelo com um movimento que Mario de Andrade fez no século passado, de planejar expedições ao Brasil rural em busca de uma suposta cultura brasileira. Hoje, sabendo que cerca de 70% da população brasileira vive na periferia das grandes cidades, esses projetos têm o potencial de mapear e consolidar as características de cada comunidade e integrá-las às conversações mundializadas. É questão de adaptar as tecnologias às necessidades das pessoas, e não o contrário. Vamos nos esforçando.

* Observações da moderadora Rita de Oliveira. Obrigado, Rita.

** Lucia Leão comentou que o site preferido de Roy Ascott é um site sobre Umbanda. Não tenho o link aqui, vou pedir à Lucia.

Comentários

Lucia Leão

O site indicado pelo Roy é: <http://www.umbandaracional.com.br/>

Apêndice I

DESAPARECER

*Esse foi meu texto de despedida da lista Xemelê e do ProjetoMetafora.
Enviei para a lista e publiquei no meu blogue da época, o hipocampo, onde
foram colhidos os comentários abaixo.*

Desaparecer

Xemeleiros,

Como eu acredito que vocês devem ter percebido, a lista Xemelê parou.

Quero contar para vocês o que eu estou fazendo a respeito:

Nada.

O fato é, eu cansei de ser moderador da Xemelê. Principalmente porque ela deixou de fazer jus ao nome. Não vi mais xemelê por ali, e não vou me esforçar em resgatar um cadáver. Foram quinze meses como moderador, primeiro da metafora at y!groups, depois como xemelê. E cansei. Nesse meio tempo, fizemos muita coisa pra caralho. Inovação a milhão. Muitas pessoas legais. E nem um puto no bolso. Mas tá valendo, me diverti e aprendi muito com todos aqui. Principalmente o clube dos treze (vocês sabem quem são). Sou fã de cada um de vocês. Mas não tenho mais fôlego nem pique nem tesão pra me preocupar com o andamento de um grupo tão complexo. Deixo o posto, se é que ele já representou alguma coisa.

Algumas coisas realmente cansaram. Como nego se apresentando por aí como "integrante do metafora" sem ter feito porra nenhuma, pegando emprestada a reputação alheia para ganhar seus trocados. Isso me deixa puto, eu que apostava tanto em um projeto aberto e colaborativo. Quero sugerir, e não posso decidir sozinho sobre isso, que ninguém mais use o nome metáfora como um grupo. Nada de "Felipe, do Metafora". Metafora é um

conceito de produção colaborativa, e não um grupo de ação. Que se fale "Felipe, do hipercortex, colaborador do metáfora", tudo bem. Mas metáfora como grupo, acho que não cabe mais. Chegou a hora de saturno devorar os filhos. TAZ. ConecTaz, grande padua.

Mas e aí, acabou? Não. A estrutura de interação fica enquanto nosso patrono Vilago aceitar. Os projetos continuam. O mega-recheado wiki.projetometafora.org ainda está lá. O drupal.projetometafora.org continua lá.

Sobre alguns projetos: Schepop vai tocar o memelab, talvez o Maratimba faça o metadev virar verdade (na verdade, não sei se ele concorda com essa afirmação), Pr e Interney podem fazer virar o metalearning, e por aí vai. Eu vou passar um tempo sem ser broker de nada. Cansei da obrigação de equanimidade e de abertura e, na real, cansei de ter que ser bonzinho quando umas coisas me viravam a cabeça. Cansei de ter que ouvir todos os lados. Quero voltar a ser humano, manipulador, filho da puta e egoísta. Cansei de não ter grana pra pagar o trem pra ir ao galpão no sábado. Cansei de dedicar 80% do meu tempo a uma estrutura de interação que viabilizou aprendizados e realizações de muita gente, e não poder, com poucas ressalvas, contar com ninguém quando precisava de alguma coisa.

Vou fazer o último backup do metáfora, mudar todos os meus emails das listas de discussão, agitar uma galera pra escrever o case metáfora como km colaborativo, e proceder à grande cerimônia memética de doação do metáfora para o mundo. Eu e alguns outros estamos planejando como será a estrutura que vamos deixar.

Quero pedir duas coisas: aos que usam emails @ projetometafora, mandem para mim os emails para onde direcioná-los. Se alguém precisar de contas

pop, posso ceder uma no hipercortex.com.

Enfim, é isso. Por enquanto, vou continuar mais ou menos pela área. E no hipocampo e no wiki.projetometafora.org. E, na real, bem mais perto de alguns de vocês.

E peço mais uma vez: não usem o nome do projetometafora. Minha opinião: Ninguém pode se definir como Fulano do MetaFora ou vender o nome do metafora como realizador de um projeto. Não o façam e não aceitem que o façam.

Comentários

Paulo Colacino

Demorou (chefinho!) hehehe

Valeu cara ! Ce foi ducaralho durante todo esse tempo. Aguentou toda minha apurrinhção e meus levantes na lista hehee.. Desculpa as vezes me sinto culpado por esse racha todo. Mas se não tínhamos um objetivo em comum não poderíamos ser um coletivo realmente. Na real era um bando de pessoas cada um na sua, fingindo ser um grupo.

A estória da ONG deixou bem claro isso.

Vamos voltar para as coisas que nos dão prazer e principalmente dinheiro !!!

Pois isso ce merece mais do que todo mundo.

Abraços irmão!

Continuarei por perto e quando precisar pode contar comigo.

Felipe Fonseca

disconcordo dessa generalização. era um bando de pessoas, com harmonias diferentes. não uma harmonia, mas várias. caos.

dineiro, tô merecendo, hehehe.

TupiNamba

Se pam sair da lista pra entrar na historia :-)

Liga conversinha de lutador de karatê: 10 vezes cair, 11 vezes levantar.

Dinheiro? Liga conversinha de monge zen: beber qdo se tem sede, comer qdo se tem fome.

Nois capota mas nao breca :-D

Felipe Fonseca

Fala, Tupi.

Tô ligado no cair e levantar. E a parada grana, tá engraçado. Umas coisas acontecendo... Nada de ficar rico, mas que vou tirar meu estilo na correria, ah, vou.

Renata Menegatti

é isso aí, ff.

mandou benzasso, assino embaixo.

beijo.

Apêndice II

REAGRUPAIE ESPORIFICAI- VOS

Dispersando, cambada!

*Texto da página inicial do ProjetoMetaFora.org após o esvaziamento do projeto, posteriormente chamado de **Reagrupai e esporificai-vos***

MetaFora não é mais o que era. A máfia que controlava as senhas foi pra Croatã. Deixaram algumas coisas de herança para o mundo:

- Um wiki recheadaço.
- Uma pá de idéias para projetos coletivos.
- Um método de produção colaborativa.
- Os arquivos das listas MetaFora e Xemele.
- Três listas em funcionamento: infrafísica, infralógica e ações.

Apropriem-se.

Alguns projetos que nasceram aqui e descolaram como esporos de uma samambaia:

- MetaReciclagem.
- MeMeLab.
- Co:Lab.
- Buzzine.
- MetaOng.
- MidiaTaticaBrasil

Estão sendo realizados eventos abertos em todo o mundo para comemorar o fim da ditadura no MetaFora.

Se fores justo, serás avisado.

Comentários

Carlos Namai

Pena que não conheci. Parece ter sido legal

Edney Souza

Acho que é isso aí, mas sinto que o esquema ainda renascerá das cinzas como uma fênix, ou ressuscitará como o Superman, ou sei lá!

Maratimba

Eh isso ai!

Soh mudaria de dispersando cambada pra algo do tipo reagrupai-vos e multiplicai-vos

Felipe Fonseca

Caro Carlos, nunca acredite no que se escreve por aí.

Ney, espero que não. Novos tempos, novos nomes.

Tzaram, não é meio bíblico demais isso?";

Edney Souza

Então é mais como o Lord Morpheus? Morreu e nasceu o Daniel.

Felipe Fonseca

Nem sei do que tu tá falando, Morpheus pra mim é o Sandman. Daniel o cantor, o Padua ou um daqueles de escrituras?

E se pá eu tô na correria do Legião, eu somos um bando. Mil nomes pra nada."

TupiNamba

Conversinha de gurus estilo wired: Nanoseconds collective online uprisings!

Frase do Nelson Rodrigues: "no Brasil, todo morto é um boa praça."

A revolucao nao sera' televisionada!

Paulo Bicarato

Virou estrume. Alimento proutras coisas...

Daniel Pádua

Aloha moçada da selva, Metáfora é álbum de retratos. Bom ver a cara de vocês lá!

Julia Osmond

Ah! eu tá maluca! Very good! Brazil, mulatas! Óówl! Muita obrigado, Argentina! Samba é bom mesma!

Felipe Fonseca

ué, o que é dpadua?

Paulo Bicarato

Os últimos espasmos são cômicos...

Jose Zapata

Dpadua é nome dado para um amontoado de sentimentos. Gente louca costuma fazer isso... dar nomes a coisas que se estendem além de um corpo. Vai entender...

Felipe Fonseca

Tu vê... e eu ingenuamente acreditando que o tal Daniel era só um

personagem da minha amiga Mainá.

Almir Montecristo

talvez ele seja o personagem de outra pessoa.

Paulo Bicarato

Personas, máscaras, punhais, labirintos espelhados. No meio de tudo, encontrarás a resposta.

Felipe Fonseca

Talvez sejamos todos personagens da mente de IzquierdoElHorrible.

Felipe Fonseca

Feito. Joguei lá. Quem quiser, que mexa. Minha missão acabou.

Hernani Dimantas

é o fim de uma TAZ... o recomeço de outras. nada é eterno. essa foi a nossa metáfora para a humanidade. valeu, pessoal. eu amo TODOS vcs...

Paulo Bicarato

Isso foi uma metáfora, HD?

Dalton Martins

so pra completar: Deus esta solto!!!

Paulo Bicarato

Mortos têm vida própria.

TupiNamba

"Só conhece a vida aquele q já morreu." Ditado Zen.